

ESCOLA, FORMAÇÃO HUMANA E INTELECTUAL ORGÂNICO: DIÁLOGOS ENTRE GRAMSCI E SAVIANI

Thalita de Moura Silva Feitosa Lima (UFC)¹

Kelly Maria Gomes Menezes (UFC)²

Universidade Federal do Ceará. thalitamoura@alu.ufc.br; kelly.menezes@ufc.br

Resumo

O presente artigo analisa a educação como um campo de disputas ideológicas, articulando diferentes contextos históricos para discutir de que modo o ensino brasileiro tem sido tensionado por perspectivas que tendem a reduzir o saber à formação instrumental voltada ao mercado. O objetivo central consiste em examinar os conceitos gramscianos de “Escola Unitária” e “Intelectual Orgânico”, em diálogo com a pedagogia histórico-crítica, sistematizada por Dermeval Saviani, problematizando o papel da escola na formação política dos sujeitos no contexto brasileiro. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter explicativo e bibliográfico, fundamentada em autores do campo marxista da educação. A análise evidencia que, em Gramsci, a universalização do acesso aos saberes clássicos constitui condição para a formação de intelectuais orgânicos vinculados à classe trabalhadora. Em Saviani, por sua vez, a centralidade da socialização do conhecimento sistematizado reafirma a função da escola como mediação necessária para a apropriação crítica da cultura historicamente produzida. Conclui-se que a superação da dualidade educacional requer o acesso ao conhecimento elaborado e o exercício competente da mediação pedagógica, elementos indispensáveis à formação humana em perspectiva histórico-crítica.

Palavras-Chave: Pedagogia Histórico-Crítica; Escola Unitária; Intelectual Orgânico; Formação Humana.

Introdução

A educação é um tema de constante disputa ideológica e política entre classes com percepções antagônicas desde a antiguidade, em temas sobre quem tem direito a acessá-la, qual conteúdo deve ser transmitido e qual indivíduo deve ser formado. Com a internacionalização

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), thalitamoura@alu.ufc.br. Fortaleza, CE.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação (UFC), kelly.menezes@ufc.br.

do sistema capitalista no começo do século XX, a ótica da educação foi adaptada para seguir modelos produtivistas voltados para a educação prática, o “aprender fazendo”, como a “Escola Nova” de Dewey (Santos; Prestes; Vale, 2006).

Essa modalidade de ensino se consolidou no Brasil a partir da década de 1930, a fim de acelerar o processo de industrialização especializando o setor operário para mais eficiência no trabalho, transformando a escola em “[...] representante da pedagogia liberal, pedagogia estreitamente ligada à teoria política e econômica burguesa” (Santos; Prestes; Vale, 2006, p. 135). Neste paradigma, a educação introduz a lógica do trabalho no ambiente escolar como adestramento em vez de princípio educativo, induzindo os educandos à moral do trabalho sob uma perspectiva de submissão.

Desse modo trata-se da escola assumindo modalidades organizacionais em acordo do modo de produção, ocasionando na captura dos estudantes pela lógica de profissionalização em determinada área apenas para lucro do capitalista, desconsiderando o conhecimento humanista para integração formativa do Ser³ do educando (Santos; Prestes; Vale, 2006).

Nesta perspectiva, Karl Marx apropria da tradição educacional burguesa e aplica uma análise intrínseca da sociedade capitalista em um movimento dialético de conservação e superação, considerando os avanços educativos como a gratuidade, laicidade, universalidade e estaticidade, ao passo que expõe a impossibilidade da aplicação desse projeto formativo que integra instrução e trabalho dentro de um corpo social fragmentado. Dessa forma, Marx delineia um esboço de um projeto educativo que será aprimorado e repassado por demais teóricos socialistas, a formação omnilateral⁴.

Tal formação buscará superar a divisão entre profissão e cultura, buscando novos atores sociais e novos métodos pedagógicos aplicando-os em uma escola socialista. Posteriormente, Gramsci, um dos mais relevantes teóricos socialistas contemporâneos, amplia essa reflexão ao investigar o papel da escola e do intelectual orgânico agregando no debate sobre a superestrutura e a apropriação dos saberes clássicos, nos quais podem ser debatidos e

³ Introduzimos o conceito definido por Gramsci (1999) de que os homens são sujeitos reais na história, isto é, ele é formado por relações materiais no mundo. Assim, verifica-se como um ser prático e histórico, e não metafísico.

⁴ De acordo Frigotto (2012), a formação omnilateral busca considerar as dimensões que constituem a especificidade do homem e as condições objetivas e subjetivas a fim do seu pleno desenvolvimento.

destrinchados sob ótica da pedagogia histórico-crítica, um movimento crítico opositor do “escolanovismo”, cujo foi cunhado por Dermeval Saviani, pedagogo brasileiro.

Nesta perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo geral analisar os conceitos gramscianos de “Escola Unitária” e “Intellectual Orgânico” sob a ótica da teoria educacional de Dermeval Saviani, partindo da pergunta norteadora: de que maneira a escola interfere na formação política do sujeito no contexto brasileiro? No que tange aos objetivos específicos, busca-se explicitar os conceitos de Gramsci a partir de teóricos brasileiros da educação, aplicar a teoria educacional de Saviani para analisá-los, e exemplificar com uma política educacional sob a ótica dos conceitos analisados.

Metodologicamente o presente trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa, apoiando-se na descrição proposta por Minayo (2002) que a descreve como uma abordagem metodológica com ênfase na compreensão da totalidade e da singularidade das relações humanas, possibilitando a análise e articulação entre teoria e prática no estudo a partir de técnicas, procedimentos e concepções teóricas que oferecem instrumentos eficazes para a prática científica.

Ademais, a pesquisa possui caráter explicativo e é do tipo bibliográfica, fundamentando-se em livros e artigos científicos da área da educação e estudos críticos, consistindo em três momentos; explicação e desenvolvimento dos conceitos de “Escola Unitária” e “Intellectual Orgânico” por meio de pesquisadores da educação em especialização ao Gramsci, discussão e apontamentos desses conceitos intermediados pela linha da pedagogia histórico-crítica e, por fim no desenvolvimento, um debate acerca de uma exemplificação legislativa para comprovar os pressupostos teóricos.

Os ideais educacionais de Gramsci

Segundo Manacorda (2002, p. 332-333.), a “[...] análise da crise da organização escolar e a sua pesquisa de um novo princípio educativo [...]” de Gramsci têm base no marxismo e na experiência socialista soviética, relacionando o conhecimento técnico-científico e a escola com o desenvolvimento social do país. Na proposta gramsciana, o projeto universal e omnilateral de formação humana intenciona a filosofia da práxis, em suma, “na formação de uma nova

concepção de mundo capaz de consolidar uma nova relação do homem com o mundo e com seu próprio ser [...] por meio da unicidade entre atividade manual e intelectual” (Sousa; Rabelo; Gomes, p. 33).

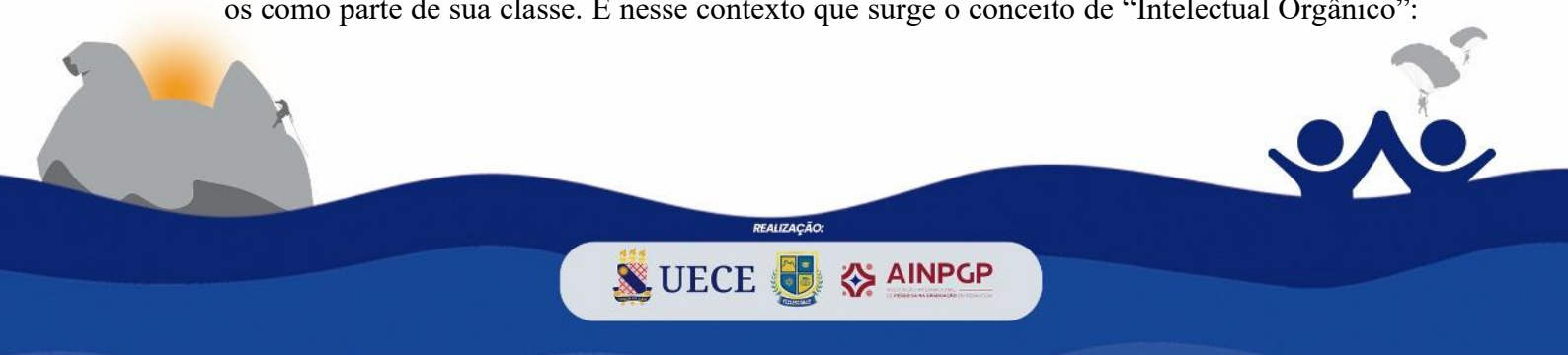
Nesse sentido, o teórico italiano identificou que a escola humanista formava os intelectuais dirigentes, enquanto a escola profissionalizante formava os instrumentais. Como alternativa a essa dualidade, Gramsci propunha a universalização da educação através da “Escola Unitária”, como escola da práxis, em foco de formar crianças e adolescentes na técnica e na cultura (Gramsci, 2004; Manacorda, 2002).

Para Martins (2021), o conceito de Escola Unitária propõe a superação da distinção entre trabalho manual e intelectual com o equilíbrio do domínio da natureza (instrumentalidade) com o domínio da teoria (intelectualidade) na educação básica, a fim de que durante a formação reflexionem criteriosamente sobre as condições e as necessidades materiais na sociedade, intuindo que, crescendo e partindo de um, pode tomar conta de toda a classe acionando forças para uma revolução social.

Neste viés, Gramsci conduz uma lógica revolucionária precedida por um intenso trabalho de crítica na finalidade da revolução. Assim, emerge a concepção ontológica do Ser similar à da ontologia marxiana, e destaca a conveniente negação do conhecimento à classe proletária pelo governo liberal, dado que nenhuma transformação social pode acontecer de maneira espontânea através de atos independentes da própria vontade, como ocorre na natureza animal e vegetal cujas organizações são feitas inconscientemente.

A natureza humana é sobretudo criação histórica. Dessa maneira, o ensino “interessado” ofertado pelo Estado Liberal atrapalha a formação humana do proletariado, pois impõe uma especialização projetada exclusivamente para sua função no mercado de trabalho, excluindo oportunidades de os indivíduos desenvolverem livremente suas aptidões e capacidades, para então colaborarem com o trabalho associado. Por essa razão, Gramsci denuncia que a cultura e a escola são privilégios da classe dominante.

Enquanto não há acesso livre para o proletário utilizar do conhecimento formal clássico da escola, ele realiza um movimento dialético dentro de instituições populares em coletivo, apropriando-se do que já fora descoberto e produzido, assimilando os dados e transformando-os como parte de sua classe. É nesse contexto que surge o conceito de “Intelectual Orgânico”:



o indivíduo que, ligado à sua classe social, tem a capacidade de organizar a cultura, a política e a economia consoante os interesses de sua classe, o proletariado (Monasta, 2010; Martins, 2021).

Embora qualquer pessoa possa ser um intelectual orgânico, o educador participa diretamente neste limbo entre pertencer à classe dominada e atuar dentro dessa operação, e tem como função moral “facilitar” a transmissão do conhecimento para classe popular, pois sua postura é inerentemente política, intencional e direta. Sousa, Rabelo e Gomes (2015) ressaltam que, para Gramsci, a educação é o terreno da “guerra de posição” entre a classe trabalhadora e a classe burguesa, e que para vencê-la o proletariado precisa dominar os códigos da cultura dominante deixando a condição de governados para se tornarem dirigentes.

A didática do professor exige ser dialética, ou seja, a relação educativa precisa acontecer por trocas de aprendizagem entre educador e educando, mesmo sendo evidente a formação superior do professor. A relação pedagógica deve mediar o saber para que o estudante possa ser conduzido para além do senso comum.

A visão do conteúdo escolar por Saviani

No contexto brasileiro, Saviani, um clássico pedagogo marxista dos estudos críticos da educação, sistematiza uma proposta que dialoga com as premissas gramscianas em sua obra “A Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações” (2011) ao retratar a importância da apropriação do conteúdo clássico à classe trabalhadora para se formarem como um ser crítico. Para ele, o sujeito, que se produz pelo trabalho e enfrenta a alienação do trabalho no sistema capitalista, deve admitir a educação como o espaço de apropriação do saber sistematizado historicamente pela humanidade para permitir a compreensão e transformação da realidade do indivíduo (Saviani, 2007).

Nesse sentido, o autor também critica o ensino “interessado” ofertado pelo “escolanovismo” na educação brasileira, pois afirma que ela esvaziou a escola de seu conteúdo transformador ao enfatizar os métodos em detrimento dos conteúdos (Saviani, 2011). Torna-se um “aprender a aprender” em vez de “aprender algo”, afetando as classes populares para distanciá-las da emancipação e do conhecimento reservado às elites, posto que a experiência e

atividade técnica, até mesmo os conhecimentos gerais sobre determinados trabalhos são projetados no intuito de continuar especializando a mão de obra proletária.

Enquanto isso, o conhecimento formal e suas atividades pedagógicas são ofertadas esporadicamente, o que dificulta uma aprendizagem humanizadora e afasta o interesse dos alunos do conteúdo clássico. Desse modo, o conteúdo clássico não deve ser negado, mas apropriado pela classe dominada para tornar-se ferramenta de luta, assim como defendido por Gramsci (Saviani, 2011).

Contudo, a função social da escola é divergente entre os dois teóricos-marxistas pois, para Saviani (2007; 2011), a função da escola é a socialização do saber elaborado para transformação pessoal, transformando o conhecimento na “segunda natureza” do aluno que retornará à realidade com uma nova compreensão, apto para a intervenção (tornar-se-á um intelectual orgânico). Logo, a escola não é local para fomentar a revolução, pois se trata apenas de uma superestrutura da conjuntura social, ou seja, são as relações sociais dentro de determinada base econômica que moldam a escola. Portanto não significa renunciar a escola, pois ela cumpre a função de ofertar instrumentos que auxiliem o acesso ao saber elaborado e sistematizado, e será somente através do professor que poderá acontecer uma excelente dialogicidade⁵ desse saber.

A função do educador, demonstrada por Saviani na obra “Escola e democracia” (2008), é puramente conteudista e política por expressar competência técnica ao ensinar o educando o conhecimento erudito, já dominado pela burguesia, e é organizada por uma maneira de aprendizagem em 5 passos: Prática Social Inicial do Conteúdo, Problematização, Instrumentalização, Catarse e Prática Social Final do Conteúdo (Saviani, 2008), dos quais não necessariamente são definitivos ou sequenciais já que o processo de aprendizagem ocorre de maneira orgânica, por sua natureza dialética do método, em contínuos movimentos de retroalinhamento – o educador fornece o conteúdo científico e novas contradições surgem na mente do educando.

⁵ Termo cunhado por Paulo Freire (2023), que retrata a educação feita por meio de diálogos entre professor e aluno, buscando uma prática pedagógica fundamentada pelo processo contínuo de aprendizagem mútuo. Assim, ao invés de “depositar” conhecimento, o professor trabalha com a realidade dos alunos por “temas geradores”, e por eles demonstrando a teoria, promovendo o conhecimento por meio da “filosofia da práxis” (Gramsci, 1999).

Desse modo, acontece equivalente no momento da catarse do aluno, o alcance da consciência crítica (a transição da síncrese para a síntese) decorre em pequenos avanços qualitativos ao longo da mediação didática. Essa mediação pretende retomar vivências cotidianas para sala de aula, apresentando o conteúdo de forma sincrética a fim do educador identificar as questões centrais que ainda são, ou não, dominadas pelos educandos, além disso, ao desenvolver as temáticas, o professor expõe os saberes elaborados, históricos e científicos. Esse ciclo de aprendizagem intui que o aluno realize uma síntese do estudo, compreenda o conhecimento e o incorpore como ferramenta política, aplicando o conteúdo em sua prática social.

Por fim, a visão defendida pela pedagogia histórico-crítica é a de que a apropriação do conhecimento acumulado historicamente possui condições para fornecer as bases educativas do saber para o proletariado, que em seu retorno à realidade se organizará em favor da revolução.

A Reforma do Ensino Médio sob a Ótica Histórico-Crítica

Na prática de toda política pública há diretrizes formuladas com o objetivo de solucionar um problema público, adotado na agenda do governo. No âmbito da educação, as políticas educacionais brasileiras, especialmente ao longo do século XX, deram maior ênfase à alfabetização com vista a redução do problema do analfabetismo no país, que na metade do século passado configurava 50% da população com 15 anos ou mais (IBGE, 2003).

Pela necessidade de consolidação da economia, iniciou-se o processo de alfabetização e de formação estritamente profissional, ofertando pelo menos um mínimo de instrução, à classe operaria em vista de transformá-la em consumidora ativa (Santos; Prestes; Vale, 2006). Dessa forma, a educação persistiu o dualismo⁶ entre as classes por meio dos objetivos ideológicos de cada governo, como foi percebido nas reformas programáticas na ditadura militar com a chegada de disciplinas que buscavam reforçar a legitimidade do regime.

Neste âmbito, foi implementada a partir de 2022 a reforma conhecida por “Novo Ensino Médio”, que altera a estrutura didática e carga horária do nível médio na educação básica. A

⁶ Os autores (Santos; Prestes; Vale, 2006) utilizam este termo para realizar o antagonismo entre o ensino privado, a “Educação Intelectual”, e o ensino público, a “Educação Técnica”.

reforma teve por argumento a “modernização” da educação, que promoveria, em tese, a flexibilização e protagonismo juvenil. Entretanto, na prática segue uma onda global de neoliberalização que tenta posicionar a educação como mercadoria e a serviço do mercado (Souza; Henrique, 2024).

Trata-se da transformação da escola em uma empresa, adaptando os currículos em prol de desenvolver habilidades “empreendedoras” e socioeconômicas, transferindo recursos públicos para o setor privado desenvolver cartilhas e avaliações, com foco na “eficiência” do desempenho do aluno em vez do estímulo à sua criticidade. Tal ponto é notório quando demonstra que as cargas horárias das matérias da área de humanas é fracionado, e existe prevalência obrigatória de “aulas” sobre a “construção de projetos de vida” que, majoritariamente, os educandos passam como tempo livre entre as aulas.

A escola, então, assume um caráter marginalizante, fenômeno próprio da estrutura social, pois reforça, legitima e mantém a estrutura desigual entre classes. Isto é, programa-se como uma violência simbólica (Saviani, 2008). Apesar da importância do desenvolvimento profissional do educando, compreende-se o objetivo dessa mercantilização educacional como foco em formar pessoas a serem dirigidas, submissas às condições materiais em sua realidade e que permaneçam iludidas pelo lema meritocrático de uma ascensão dependendo exclusivamente do esforço pessoal.

A política e a educação formam uma união indissociável, pois toda prática política contém uma dimensão educacional (Saviani, 2008), sendo possível visualizar uma “guerra de posição” (Sousa, Rabelo; Gomes, 2015, p. 33) nesta pedagogia técnica e neoliberal. Nesse âmbito, ainda que o educador não possa transformar concretamente a realidade da escola, a atuação dele se prevalece como uma ferramenta ativa contra hegemônica pelo seu método de ensino dialógico e pela sua postura política cuja contribua para a democratização da cultura acumulada historicamente. Conforme Saviani apresenta a acerca das políticas educacionais, a função política só garante quando realizada como prática pedagógica, desse modo, o ensinar bem garante a apropriação do saber pelos estudantes e faz chegar à uma prática social final do conteúdo.

Considerações Finais



O presente trabalho abordou a dialogicidade dos conceitos educacionais de Gramsci e Saviani, e apontou que o ideal educacional de “Intelectual Orgânico” gramsciano pode ser visto indiretamente em Saviani por meio de suas obras, sendo, em algum sentido, transformado em práxis pedagógica. Assim, compreende-se que, embora ambos sejam marxistas, os autores diferem na forma como ocorre a revolução.

Enquanto Gramsci foca na cultura como motor de transformação individual para a revolução socioeconômica, Saviani aponta ser necessário primeiro a mudança na infraestrutura da sociedade, articulada com a mudança na superestrutura (cultura), sistematizando-a com as especificidades da escola. Neste viés, nota-se categórico a excelência no ensino do conteúdo elaborado como ato político e, para tal, do trabalho.

Visto que o ser humano é um ser histórico formado pelo trabalho e pela mudança que realiza no mundo, e que é através da educação em que aprende e passa para o coletivo, essa análise histórico-dialética oferecida pelos autores permite a compreensão da educação ser intrínseca para formação do ser humano, e por consequência, para formação das futuras gerações. Assim, é imperativa a superação da dualidade que nega ou superestima o saber burguês para apropriação e crítica da classe trabalhadora, sobretudo ênfase na importância da formação dos educadores à práxis pedagógica.

Dessa forma, demonstra-se que a formação do intelectual orgânico depende do acesso ao saber sistematizado – o currículo principal posto pela escola – e da forma como é lecionado. Portanto, a resposta à pergunta norteadora deste trabalho pontua que a Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani traz os ideais gramscianos para o materialismo histórico-dialético ao traduzir realisticamente as contradições dos meios que se está o domínio do conhecimento erudito, mas também acreditando na instrumentalização necessária desse conhecimento, e na proposta didática do educador. Como sugestão para pesquisas futuras, indicam-se estudos que integrem a teoria da pedagogia histórico-crítica com a legislação educacional brasileira e políticas públicas.

Referências Bibliográficas

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 86.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação omnilateral. In: Caldart, Roseli. PEREIRA, Isabel Brasil. ALENTEJANO, Paulo. FRIGOTTO, Gaudêncio. (Orgs.). **Dicionários da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venêncio, Expressão Popular, 2012.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 1: introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1999.
- _____. **Escritos Políticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2004.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas do século XX**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003, Disponível em: <https://seculoxx.ibge.gov.br/>. Acesso em 17 de dezembro de 2025.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. Tradução: Gaetano Lo Monaco. Revisão técnica: Rosa dos Anjos Oliveira; Paolo Nosella. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2002. pp. 332-335.
- MARTINS, Marcos Francisco. **Gramsci, educação e escola unitária**. Educação e pesquisa., São Paulo, v. 47, e226099, 2021. Disponível em: [SciELO Brasil - Gramsci, educação e escola unitária Gramsci, educação e escola unitária](#). Acesso em: 15 de dezembro de 2025.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MONASTA, Atilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.
- SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antônio Marques do. BRASIL, 1930-1961: ESCOLA NOVA, LDB E DISPUTA ENTRE ESCOLA PÚBLICA E ESCOLA PRIVADA. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 22, p. 131-149, jun. 2006.
- SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campina: Autores Associados, 2011.
- _____. **Escola e democracia**. edição comemorativa. Campina: Autores Associados, 2008.
- _____. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 152-165, jan. 2007.
- SOUSA, Joeline Rodrigues de; RABELO, Josefa Jackline; GOMES. Valdemarin Coelho. Gramsci, a crise da escola e a perspectiva da emancipação humana: uma análise onto-histórica. In: GOMES, Valdemarin Coelho; SOUSA, Joeline Rodrigues de; RABELO, Josefa Jackline (Orgs.). **Gramsci, educação e luta de classes: pressupostos para a formação humana**. Fortaleza: Edições UFC, 2015. pp. 11-48.
- SOUZA, Rosângela Maria Matias de.; HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmiento. **Discurso neoliberal do protagonismo juvenil e impactos no trabalho docente na Educação Profissional**. Olhar de Professor, [S. l.], v. 27, p. 1–21, 2024. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.27.23220.041. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/23220>. Acesso em: 21 fev. 2026.